

As virtudes a serviço do indivíduo

Quantas vezes ouvimos algo do tipo: “Hoje sou um ser humano melhor!”; “devemos cultivar o perdão ao próximo”; “devemos amar os nossos semelhantes”; “devemos ter coragem para resolver os problemas (dos outros)”... Sempre tratamos as virtudes da perspectiva coletivista: é sempre *ser* para o outro.

Para mim, isso é um viés bastante destrutivo porque reduz nossa vida a atender o que os outros esperam de nós e a satisfazer os seus caprichos, fazendo tudo por eles.

Claro que não espero que você concorde com essa linha de raciocínio se, por exemplo, pertença ao grupo de pessoas que cultivam uma vida baseada em coletivismo e que gostam de viver para os outros. Quero conversar com aquele que está em crise porque nota que, para si, esse viés de orientar as virtudes tem destruído a vida.

Pessoalmente, odeio quando alguém me estimula à coragem para lutar pelas causas alheias às minhas, que não me levam a minha felicidade. Sinto que esta pessoa está me manipulando com uma virtude positiva, mas que, por estar enviesada para a causa que não é minha, vai me destruir porque me levará ao autoabandono. E o mesmo vale para a determinação, a tomada de risco calculado e o foco: tudo deveria estar a serviço da realização individual. São suas ferramentas. Cada qual que utilize as que possui por vocação.

Odeio também quando alguém me cobra atenção, porque esse tipo de ação é de natureza individual, ou seja, cada um deve dar a si próprio atenção, e não precisa da atenção do outro. Claro, nós devemos

dar atenção, mas apenas às coisas que estamos buscando no momento e, cem por cento do tempo, a nós próprios. Toda vez que você se cobrar a ter que pensar no outro, vai esquecer de si. Não há como a mente se ligar a você se você decidir que não quer pensar em si.

O amor vai pelo mesmo caminho. Devemos cultivá-lo da perspectiva pessoal. Amar-nos de tal forma que nos cultivemos como pessoa a quem queremos acima de tudo nessa vida, dando-nos carinho, tendo paciência conosco nos momentos de fracasso ou de erro e ao mesmo tempo exigindo de nós o que podemos nos dar, a fim de chegar a um estágio maior de satisfação pessoal e de realização.

Da mesma forma ocorre com o perdão. Conseguir perdoar só nos traz benefícios porque nos ajuda a continuar caminhando com a mente desligada do mal que sentimos que sofremos. Não significa, em hipótese alguma, ficar próximo da pessoa que nos levou à situação de ódio. Significa tão somente nos desligarmos do mal que sofremos e isso pode vir com o afastamento ou distanciamento dela.

Isso vale também para a humildade. Quero procurar ser humilde para conservar a consciência de quem sou, da minha realidade, do estágio em que me encontro para, com isso, continuar caminhando na direção das coisas que pretendo realizar. Pessoalmente sofri muito através dos anos por causa da soberba (intelectual), essa característica megalomaniaca de querer ser maior do que somos para impressionar as pessoas. Luto contra isso diariamente, não para dizer que sou o “humildezinho” do povo, coisa em que não acredito, porque em

qualquer estágio em que você se encontre, o beneficiado ou o prejudicado por se aceitar ou por se rejeitar será você; não ganha louros nem punição dos outros por isso. Quero dizer que a soberba me inquieta, me faz achar que sou alguém que não sou, me faz acreditar que conquistei o que não realizei. Enfim, sou o único a me prejudicar. Se o meu objetivo é impressionar as pessoas, sei que, no final, vou ficar arrasado pela realidade que vai me puxar para baixo. Então luto contra a soberba em benefício próprio, não por uma moral cristã ou para receber qualquer troféu de bom caráter – mas você não tem obrigação nenhuma de acreditar nessa história e isso também não é o importante. O que é importante é que desejar ser humilde para os outros é também uma soberba.

Quero dizer que essa história de exercitar as virtudes para os outros, pelo menos para mim, sempre me levou a situações de autodestruição e a uma tristeza de alma. Não quero mais este caminho. Qualquer virtude que exercito, quero fazer, agora, porque ganho com isso e, se agir de forma orientada para o outro, sei que isso me fará mal.

Não é fácil mudar o paradigma, mas, às vezes, isso é necessário, principalmente para conseguirmos continuar avançando na direção de nossos objetivos.

www.institutoliberaldeindividual.com